

Brasil deve atrair capital com corte de juro nos EUA, mas gestão fiscal pode atrapalhar

Investimento externo Perspectivas

Corte de juro nos EUA pode atrair capital, mas questão fiscal é dúvida

— *Brasil aumenta relevância em fundos globais, porém, a preocupação com as contas públicas deve continuar a afastar investidores estrangeiros do País*

ALINE BRONZATI
CORRESPONDENTE EM NOVA YORK

Ainda que os economistas não esperem um repeteco da surpresa que foi o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2023, o País pode ficar mais interessante ao olhar estrangeiro com o esperado corte de juros nos Estados Unidos neste ano. Mas, enquanto o processo de relaxamento monetário na maior economia do mundo serve de ímã, a situação fiscal do Brasil atrapalha e deve continuar afastando esse investidor de apostar suas fichas com

mais firmeza no País. Ao longo de 2023, o Brasil aumentou a sua relevância em fundos globais. A participação do País no índice de ações MSCI Emerging Markets (MSCI EM), um dos principais referenciais internacionais para investidores, foi a 5,67% no fim de novembro, ante 5,54% na versão anterior, na segunda melhoria consecutiva do indicador. Para este ano, a materialização da queda de juros nos EUA pode beneficiar a entrada de recursos estrangeiros no Brasil. Com os juros dos Fed Funds na faixa de 5,25% a 5,5% ao ano, investidores preferem manter

os seus recursos em títulos públicos da maior economia do mundo a se arriscar em países emergentes como o Brasil. A última reunião de política monetária do Federal Reserve (Fed, o Banco Central dos EUA) aumentou a expectativa de corte nos juros, ao indicar a possibilidade de três reduções neste ano. Em seu discurso, o do presidente do BC americano, Jerome Powell, afirmou que não vai esperar a inflação cair à meta de 2% ao ano para começar a reduzir as taxas. Como resultado, o mercado antecipou a expectativa de início do ciclo de corte nos juros de

maio para março, segundo fermenta do CME Group. **'SEM PAIXÃO'**. Caso esse cenário se concretize, o volume de investimento estrangeiro no Brasil poderia crescer mais no segundo semestre deste ano, prevê o diretor de Pesquisa Macroeconômica para América Latina do Goldman Sachs, Alberto Ramos. "Olha, está interessante, mas não vejo ninguém apaixonado. É um pouco aquele fim de festa, que não sobrou ninguém para dançar", diz. No acumulado até o dia 22 de dezembro de 2023, o capital externo na B3 somava mais de

R\$ 43 bilhões. O volume representa menos da metade do registrado em 2022, quando o investidor estrangeiro aportou R\$ 100,8 bilhões na Bolsa brasileira, a maior cifra desde 2004. O peso do Brasil em fundos globais melhorou, mas segue bem longe do auge visto no passado. Em 2010, na sequência da icônica capa da revista britânica *The Economist* com a imagem do Cristo Redentor decolando como um foguete, o Brasil chegou a ter peso de 17% do MSCI EM. Na época, além do grau de investimento, o País roubava a cena de seus pares no mundo emergente para o olhar estrangeiro. Para Ramos, o Brasil tem pontos positivos, como o crescimento robusto, que começa a desacelerar, um grande superávit comercial, um Banco Central crível, melhora da inflação, um mercado de trabalho resiliente e aceleração do crédito. Na ponta oposta, a questão fiscal pode minar todas as outras. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia e Negócios **Caderno:** B **Página:** 1